

## LÉXICO E SEMÂNTICA

### ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO: PRIMEIRAS ABORDAGENS

*Márcia Regina Teixeira da Encarnação (USP)*  
[profamarciairegina@ig.com.br](mailto:profamarciairegina@ig.com.br)

#### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Um breve olhar sobre a realidade atual das diversas comunidades lingüísticas brasileiras revela as profundas modificações pelas quais elas têm passado nos últimos anos. Neste jogo dialético entre inovação e conservação, a fala retrata elementos antigos, aceita as inovações e parte incessantemente para uma conseqüente variação, movida por razões sociais e culturais.

Essas transformações, trazidas pela evolução dos meios de comunicação, cuja influência exerce um papel significativo nas mudanças dos hábitos lingüísticos, e ainda, pelo deslocamento dos habitantes de uma região para outra, acabam provocando, não só uma reconstituição demográfica, mas também mudanças irreversíveis nos usos lingüísticos da comunidade, promovendo uma irretroativa quebra de limites e de fronteiras.

Seria, porém, simplificar demais dizer que as migrações para a cidade e a mídia são as únicas responsáveis pela desintegração de muitas culturas locais. Trata-se, na verdade, de uma soma de fatores que atuam nesse sentido, mas não é nosso objetivo discuti-los aqui. Não obstante todas essas formas de influências, iremos nos ater às relações entre o espaço geográfico e as variações lingüísticas, o que nos leva ao campo da Dialetoлогия.

Esta comunicação retende mostrar os procedimentos metodológicos adotados pelos pesquisadores ligados à Geolingüística, apresentar m estudo de caso feito no município de São Paulo e uma análise semântico-lexical dos primeiros dados obtidos na questão de número 1, no campo semântico 15, intitulado ‘Vida urbana’: “Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela? [Onde os carros devem parar para as pessoas ou outros carros passarem?]”

O Comitê Nacional do Projeto ALiB aponta *sinaleiro* como provável resposta a essa questão. Entretanto, no começo da pesquisa já obtivemos variações lexicais que serão analisadas.

## A DIALETOLOGIA E A GEOLINGÜÍSTICA

A Dialetoлогия é proveniente da palavra grega *dialektos* que significa diferença, diversidade. Essa consciência de variação não é recente, pois a noção de dialeto provém dos gregos. Esses, segundo Brandão (1991), já distinguiam quatro variantes regionais de sua língua – o jônico, o dórico, o eólico e o ático. No grego clássico, esses dialetos eram considerados como adequados para expressar determinados gêneros de literatura, a saber: o dialeto jônico expressava o gênero épico – *Ilíada*, *Odisséia* – Homero; o dialeto dórico expressava as odes – Píndaro; o dialeto eólico, a poesia lírica e o dialeto ático, o drama. Também entre os romanos, cuja sociedade era extremamente estratificada, encontramos menções à variabilidade de natureza social: a linguagem corrente – como testemunham alguns escritos latinos – recebia subclassificações, como *sermo urbanus*, *sermo plebeius*, *sermo rusticus*.

Entende-se por Dialetoлогия um estudo das variações na utilização de uma mesma língua por indivíduos ou grupos sociais de origem geográficas diferentes.

A Geolingüística é o método da Dialetoлогия que estuda a variação lingüística em suas várias manifestações dentro de um espaço determinado.

## OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método geolingüístico investiga a língua oral e, por esse motivo empreende pesquisas de campo, registrando os dialetos e os falares. Esse resgate torna-se possível por meio da aplicação de um questionário previamente elaborado a determinados sujeitos e pela elaboração de cartas, onde as respostas são registradas e pelas quais podemos, então, obter o mapeamento das variantes lingüísticas. Essas cartas registram diversos fenômenos que nos permitem compreender melhor alguns fatores da história da língua, como as migrações

## LÉXICO E SEMÂNTICA

de palavras de uma região a outra, os centros de irradiações, e muitas outras, dando-nos uma visão de conjunto que por outro método seria difícil conseguir.

A primeira etapa para a aplicação do método é a escolha dos pontos. Chamamos de ponto lingüístico a cada uma das localidades em que se recolhem os dados de natureza lingüística. Para esse projeto, foram selecionadas cinco grandes regiões, que correspondem às cinco subprefeituras do município de São Paulo.

A segunda é a escolha do instrumento para a coleta de dados. Nesse caso, optamos pelo questionário semântico-lexical (QSL) do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – Projeto ALiB, versão 2001, ao qual acrescentamos novas perguntas, de modo a considerar o universo antropológico da cidade de São Paulo. Recortado em áreas temáticas e em subáreas, as lexias obtidas como respostas dos sujeitos constituem o material de análise para nossa pesquisa.

A importância da utilização de questionários estruturados para a pesquisa dialetológica é reconhecida pelos dialetólogos e geolinguistas, pois sua aplicação permite a homogeneização dos procedimentos de coleta de dados, necessária à pesquisa dentro dos moldes científicos. Dessa forma, todo o material colhido, pode ser cotejado com outros falares, de outras regiões do País, ou ainda, comparado com outros, futuramente, nessa mesma região.

Para a elaboração desse questionário, segundo o texto de apresentação do ALiB, foram considerados estudos de diferente natureza existentes sobre o português regional do Brasil, os questionários dos atlas já publicados e aqueles disponíveis dos atlas em andamento, e também os questionários do ALiR- *Atlas Linguistique Roman* e do Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e Galiza. Foram também examinados os resultados cartografados nos atlas nacionais.

Segundo o Comitê realizador do Projeto ALiB, a seleção desses itens inclusos no QSL tem como objetivo documentar o registro coloquial do falante, procurando retratar as formas de emprego mais gerais da comunidade pesquisada, sem, com isso, priorizar regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de certos grupos.

Depois, passamos à escolha dos sujeitos. Para essa seleção baseamo-nos não só nos trabalhos de Silva Neto (1957), de Nascen-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

tes (1958), de Caruso (1983), mas também, nas postulações do Projeto ALiB. Para essa primeira abordagem, decidimos pela seleção de dois sujeitos, dos dois gêneros, na faixa etária de 50 a 65 anos e a opção por qualquer um dos três níveis de escolaridade: fundamental, médio ou superior.

Após as entrevistas, ouvimos as gravações e fazemos as transcrições grafemáticas das falas dos sujeitos, tendo-se utilizado os sinais definidos por Marcuschi (1986). Retratamos as variáveis semântico-lexicais, independente de suas variações fônicas ou da pronúncia peculiar de cada ponto.

A seguir, após uma revisão de todo o material coletado, as respostas dos sujeitos são dispostas numa planilha do aplicativo Excel da Microsoft a fim de se registrar os dados e gerar as respectivas tabelas que nos permitem observar as lexias com maior acuidade, possibilitando-nos o levantamento estatístico para a análise quantitativa, para as posteriores análises semântico-lexicais e para a elaboração das cartas lexicais.

Segundo Oliveira (1980, p. 57):

Carta é a representação dos aspectos naturais e artificiais da Terra, destinada a fins práticos da atividade humana, principalmente à avaliação precisa de distâncias, direções e a localização geográfica de pontos, áreas e detalhes – é comumente considerada como uma representação similar ao mapa, mas de caráter especializado construído com uma finalidade específica.

Elaborar cartas lingüísticas é retratar a distribuição das lexias nos determinados pontos estudados, é dar forma física ao conteúdo das entrevistas, é retratar as variações lingüísticas encontradas, enfim, é documentar o falar dos sujeitos da região pesquisada.

### O ESTUDO DE CASO E A ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL

A estratégia de estudo de caso contribui para a compreensão de fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos, e nos permite uma investigação para se preservar características significativas de eventos da vida real, tais como as mudanças que porventura possam ocorrer em uma determinada região, servindo, não apenas como uma ferramenta exploratória, mas também para descrever ou

## LÉXICO E SEMÂNTICA

testar proposições. Nos estudos geolinguísticos, essa estratégia de pesquisa representa uma maneira de investigar um tópico empírico no qual seguimos um conjunto de procedimentos pré-estabelecidos. Nessa pesquisa, o estudo de caso beneficia-se do fato de essas mesmas questões serem apresentadas a outros pontos diferentes, sendo que as respostas obtidas podem ser comparadas a fim de comprovar a sua consistência. Essa comparação pode demonstrar que os resultados não diferem, evidenciando que, em uma pequena amostragem, os resultados colhidos podem ser extremamente úteis e devem ser considerados importantes fontes de pesquisa, ajudando-nos a identificar fontes relevantes de evidências.

Depois de se definir como pontos iniciais da pesquisa, os bairros de Santana/Tucuruvi, na zona norte do município de São Paulo e de encontrar os sujeitos que estão na faixa etária pretendida, de 50 a 65 anos, de ambos os gêneros, realizamos as entrevistas.

No *corpus* de um trabalho geolinguístico, as respostas dos sujeitos a uma determinada questão fornecem as lexiás, objetos de nossa análise.

Após os procedimentos anteriores, partimos, então, para a análise propriamente dita, focalizando a questão de número 1, no campo semântico 15, intitulado ‘Vida urbana’: “Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela? [Onde os carros devem parar para as pessoas ou outros carros passarem?]” Os sujeitos não mostraram nenhuma dificuldade para responder. Obtivemos apenas lexiás simples – farol, semáforo e sinal – em todas as respostas. O tema sugerido pelo Projeto ALiB ‘sinaleiro’ não aparece nas respostas de nossos sujeitos, mas as lexiás utilizadas na fala dos sujeitos faz referência ao objeto em questão. Em vista disso, consideramos que eles entenderam a pergunta.

Classificamos as variantes de acordo com a proposta de Pottier (1978), pesquisamos nos dicionários as respostas/ocorrência, buscando a relação parassinonímica que existe entre essas respostas dadas pelos sujeitos e o tema da questão sugerido pelo Projeto ALiB – *sinaleiro*.

A parassinonímia consiste em buscar o sema de relação de sentido entre dois ou mais vocábulos de significação muito próxima

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

que permite muitas vezes que um seja escolhido pelo outro em alguns contextos, sem alterar o sentido literal da sentença como um todo. Ocorre quando a dois ou mais elementos do conjunto significante, correspondem dois ou mais elementos do conjunto significado.

Essa relação de parassinonímia será estabelecida em lexias encontradas no *corpus* da nossa pesquisa e será definida em função da implicação recíproca, ou seja, em função da equivalência.

O *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*, de Cunha (1982) traz:

FAROL, Construção na costa, provida de luz que emite sinais aos navegantes. Lanterna, candeeiro. *faroll* sex XV – do castelhano *farol*, derivado do catalão antigo *faro* e este, do grego *pharos*. Faro, “farol” – séc. XVI do latim *pharus*. Faroleiro – 1858, farolete – séc. X

semÁFORO: substantivo masculino ‘telégrafo aéreo instalado nas costas marítimas para assinalar os navios à vista e com eles se corresponder’; ‘poste de sinalização ferroviária ou rodoviária que orienta o tráfego por meio de mudanças de cor das luzes’ – 1890. Adaptação do francês. *Sémaphore*. Proveniente de SEM (A), Semato – elemento composto de grego *sema-atos* – ‘sinal, marca, significação’ que se documenta em vocábulos formados no próprio grego, como semiótica, e em muitos outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX.

sinalEIRA substantivo feminino, ‘sinal luminoso regulador do trânsito’, XX, proveniente de SIGNO substantivo masculino. Sinal, símbolo, marca. *sina* substantivo feminino ‘insígnia, bandeira’, ‘sorte, destino’ – XIII, *signa* XIV, *syna* XIV – forma divergente semi-erudita do popular *senha* e do erudito *signa*. sinal substantivo masculino signo – XIII, *signal* XIII do latim *signalis*. sinalADO – XIII, *sinaado* XIII, *sy* – XIV etc. sinalAR verbo ‘assinalar’ – *sy*. XIV.

O *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* de Aulete (1958), traz:

SINALEIRO, substantivo masculino, aparelho destinado a dar automaticamente sinais luminosos para regular o tráfego; *sinal*; *sinaleira*; *semáforo*.

SINAL, substantivo masculino (bras.) (pop.) O mesmo que *sinaleira* ou *sinaleiro*.

SEMÁFORO, substantivo masculino. Telégrafos aéreos, estabelecidos em pontos elevados da costa ou junto de portos, para noticiar a passagem ou chegada de navios; Poste de sinais nas vias férreas, com farol e hastes móveis para indicar aos maquinistas se a via está livre.

Proveniente do grego: *sema* (sinal) + *phoros* (que leva) = SEMÁFORO

O *Dicionário de Usos do Português do Brasil*, de Borba (2002), traz definições e exemplos:

## LÉXICO E SEMÂNTICA

FAROL Aparelho para dar sinais luminosos reguladores de trânsito; semáforo: *Os motoristas descem, se insultam, um pergunta se o outro está cego, se não viu o farol (ESP). Vencemos o farol da Rangel e entramos pisando na Clóvis Bevilacqua.*

SEMÁFORO1 poste de sinalização urbana, destinado a orientar o tráfego por meio de mudança da cor de luzes: *instala-se um semáforo num cruzamento para aumentar a segurança; [Valéria] esperava o semáforo abrir num cruzamento de São Paulo. 2 cruzamento em que há ~: No primeiro semáforo crianças maltrapilhas vêm vender rosas.*

Vimos, no caso da relação de sentido entre as lexias sinaleiro (L1), semáforo (L2), farol (L3) e sinal (L4) que, cada uma delas possui seus próprios semas, mas nas respostas dos sujeitos da nossa pesquisa ocorre uma intersecção não vazia, ou seja, possuem semasem comum.

$$L1 \cap L2 \cap L3 \cap L4 \neq \emptyset$$

Esse resultado, obtido com a aplicação de QSL mostra que a parassinonímia exerce grande pressão sobre a dimensão produtiva da linguagem, considerando-se que a unidade de sentidos é, por assim dizer, a palavra em uso no discurso.

As lexias sinaleiro (L1), semáforo (L2), farol (L3) e sinal (L4) possuem uma relação de parassinonímia definida em função da implicação recíproca, ou seja, em função da equivalência.

Ao chamarmos de R1, R2, R3 e R4, as respostas obtidas; e de T, a resposta sugerida pelo QSL, denominada tema, em que  $\supset$  significa “implica” e  $\equiv$  significa “equivalente a”, encontramos:

**Se R1, R2, R3 e R4  $\supset$  T e se, T  $\supset$  R, então R1, R2, R3 e R4  $\equiv$  T**

Se todas são equivalentes podemos considerá-las parassinônimas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que, as palavras, ao se relacionarem, concedem entre si um valor significativo, ampliando o espaço configurativo da linguagem, estabelecendo parâmetros de produção de sentidos, caracterizando e dimensionando situações de uso da língua. Respondem pela dinamização do universo de conhecimento, de forma a tornar-se suscetível de mudanças dialetais, conforme as necessidades.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

A pesquisa de ordem lexical de uma região permite ao pesquisador adentrar o universo cultural de um povo, reconhecendo nele as suas influências geográficas e históricas, a ação do homem sobre a natureza e o seu perfil social. O léxico de uma língua natural registra o conhecimento do universo na forma de palavras. Ora, o tesouro vocabular de um idioma constitui um conjunto de dimensões indeterminadas.

Segundo Vilela (1994, p. 6), “o léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralingüística e arquiva o saber lingüístico duma comunidade (...) é o repositório do saber lingüístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo.”

Os estudos de base lexical, por sua natureza básica, seja a de estabelecer, organizar e veicular os signos na relação do homem com o mundo que o rodeia, nos propiciam o reconhecimento das diferenças culturais que compõem a realidade de um mesmo país.

A relevância de um documento dessa natureza é incomensurável porque, além de representar a memória lingüística da comunidade pesquisada, é uma contribuição importante para o conhecimento do estágio atual da língua portuguesa falada no Brasil.

### BIBLIOGRAFIA

- ALIB. *Atlas lingüístico do Brasil: Questionário*, 2001.
- ALVAR, M. *Estúdios de geografia lingüística*. Madrid: Paraninfo, 1991.
- AULETE, C. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1958.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- CÂMARA JR., M J. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.



## LÉXICO E SEMÂNTICA

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

ENCARNAÇÃO, M. R. T. *Estudo geolingüístico de aspectos semântico-lexicais nas comunidades tradicionais do município de Ilhabela*. 200 p. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2005.

LYONS, J. *Linguistics Semantics: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1965.

OLIVEIRA, C. *Dicionário cartográfico*. Rio de Janeiro: Secretaria de Planejamento da Presidência da República, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1980.

POTTIER, B. et al. *Estruturas lingüísticas do português*. 3ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1978.

———. *Lingüística geral: teoria e descrição*. Tradução de W. Macedo. Rio de Janeiro: Presença, 1978.

VILELA, M. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.